

Certa manhã, pelas oito horas, frente à porta de uma casa isolada e de fachada elegante, estava um homem ainda novo. Chovia. «Quase me admira», pensou o homem ali postado, «que tenha comigo um chapéu-de-chuva.» Pois nos seus anos de juventude nunca tivera um chapéu-de-chuva. Numa das mãos, estendida para baixo em linha recta, segurava uma mala castanha das mais baratas. Diante dos olhos deste homem, que parecia acabado de chegar de uma viagem, estava uma placa de esmalte onde se podia ler: C. Tobler, Escritório Técnico. Esperou ainda um momento, como se reflectisse sobre alguma coisa, sem dúvida bastante irrelevante, depois premiu o botão da campainha eléctrica e chegou alguém para lhe abrir a porta, a criada ao que tudo indicava.

«Sou o novo empregado», disse Joseph, pois era assim que se chamava. Ele que entrasse e descesse por aqui para o escritório, disse a criada apontando-lhe o caminho. O senhor não tardaria.

Joseph desceu as escadas, que mais pareciam feitas para galinhas em vez de pessoas, virou à direita e entrou sem demoras no escritório técnico. Tinha já esperado um bom bocado quando a porta se abriu. Pelos passos firmes sobre os degraus de madeira e pelo modo de abrir a porta, o homem que esperava reconheceu de imediato «o senhor». A chegada deste apenas confirmou aquela certeza antecipada, era de facto Herr Tobler e mais ninguém, o chefe da casa, o Senhor Engenheiro

Tobler. Trazia os olhos muito arregalados, parecia zangado e estava mesmo zangado.

«Por que razão chegou já hoje?», perguntou ele, lançando a Joseph um olhar punidor. «Só tinha pedido a sua presença para quarta-feira. Ainda não tenho as coisas preparadas. Estava assim com tanta pressa, hã?»

Joseph notou nesta interjeição final um certo desdém. Uma frase assim concluída, quase estropiada, não soa propriamente a saudação amigável. Respondeu que no centro de emprego lhe haviam dito que se apresentasse hoje, segunda-feira, manhã cedo. Se era um erro, pedia perdão, mas na verdade a culpa não era sua.

«Vê só como sou bem-educado!» pensou o homem mais novo, e esboçou mentalmente um sorriso involuntário pelo seu comportamento.

Tobler não parecia disposto a perdoar assim sem mais. Continuou ainda a falar, sempre à volta do mesmo, enquanto o seu rosto já de si sanguíneo começava a corar de indignação. Ele não «compreendia», isto e aquilo deixavam-no muito «admirado», até que por fim o seu espanto pelo erro ocorrido amainou, e disse de esguelha para Joseph que ele poderia lá ficar.

«Também já não o posso mandar embora.» — «Tem fome?» acrescentou. Joseph assentiu muito sereno. Ficou até surpreendido com a calma da sua resposta. «Ainda há meio ano», pensou ele depressa, «teria ficado intimidado, e de que maneira, com a sobrançeria de uma pergunta destas!»

«Venha», disse o engenheiro. Com estas palavras conduziu o novo empregado à sala de jantar que ficava no rés-do-chão. O escritório ficava na cave, abaixo da linha da terra. Na sala, que era tanto de estar como de jantar, o engenheiro disse o seguinte:

«Sente-se. Em qualquer lugar, é igual. E coma até ficar cheio. Aqui tem pão. Corte as fatias que quiser. Não faça cerimónia. Beba várias chávenas. Café não falta. E aí tem man-

teiga. Está à disposição, como vê. E há também compota, caso lhe agrade. Quer umas batatas assadas para acompanhar?»

Joseph ousou ainda responder: «Sim, sim, porque não, com muito gosto.» Herr Tobler chamou a criada, Pauline, e disse-lhe que as preparasse depressa. Terminado o pequeno-almoço, e já em baixo no escritório, por entre as pranchas de desenho, os compassos e os lápis de carvão espalhados, os dois homens discutiram mais ou menos nestes termos:

Ele queria contratar uma boa cabeça, disse Tobler brusca-mente. Uma máquina de nada lhe serviria. Se Joseph pensava trabalhar à toa e sem empenho, que tivesse a gentileza de o dizer agora mesmo, para que logo de início soubesse com o que poderia contar. Ele, Tobler, precisava de inteligência, de uma força de trabalho autónoma. Se Joseph julgava não estar à altura, tivesse a cortesia, etc. Neste ponto, o inventor voltou a cair em repetições.

«Ora», disse Joseph, «porque não havia eu de ter uma boa cabeça, Herr Tobler? No que me diz respeito, penso e espero ser capaz de cumprir sempre o que for exigido de mim. Além disso, segundo creio, estou aqui em cima (a casa de Tobler ficava numa colina) apenas à experiência, pelo menos por agora. A natureza do nosso acordo em nada o impede de me dispensar a qualquer momento, caso tal lhe pareça necessário.»

Tobler achou apropriado dizer que esperava que não chegasse a tanto. Joseph que não levasse a mal o que ele, Tobler, dissera. Tinha apenas pensado esclarecer tudo logo à partida, e na sua opinião isso só poderia vir por bem para ambas as partes. Cada um saberia em que pé estava em relação ao outro, e assim seria melhor.

«Sem dúvida», reforçou Joseph.

Depois desta conversa, o superior indicou ao subordinado o lugar onde ele «poderia» escrever. Era uma escrivaninha um tanto acanhada, estreita e baixa, com uma gaveta onde se encontravam a caixa com os selos e alguns livros pequenos. A mesa, porque uma mesa era só o que ela era, e não uma es-

crivaninha a sério, estava encostada a uma janela ao nível da terra e dava para o jardim. Lá fora via-se à distância o lago que se espraiava e, mais longe ainda, a outra margem. Tudo parecia hoje muito sombrio, porque continuava a chover.

«Venha», disse Tobler de repente, com um sorriso que a Joseph pareceu pouco apropriado às palavras que acompanhava, «tem ainda de conhecer a minha mulher. Acompanhe-me, vou apresentá-lo. E depois tem também de ver o quarto onde vai dormir.»

Levou-o ao primeiro andar, onde uma figura feminina, elegante e alta, veio ao encontro de ambos. Era «ela». «Uma mulher vulgar», pensou rapidamente o jovem empregado, mas mentalmente acrescentou logo a seguir: «e porém não.» A distinta senhora observava o «novato» com ironia e indiferença. Ambas, a frieza e a ironia, pareciam ser inatas nela. Estendeu-lhe negligentemente a mão, quase até com indolência, ele segurou-a e fez uma vénia à «senhora da casa». Era assim que a tratava em segredo, mas não para assim a altear e tornar mais bela, antes para a ofender em silêncio. Aos seus olhos, esta mulher agia com demasiada sobranceira.

«Espero que goste de ficar connosco», disse ela com uma voz surpreendentemente aguda e um ligeiro trejeito da boca.

«Pois, vai falando. Que bonito. Olha só, tão amigos que nós somos. Querem lá ver.» Foi assim que Joseph considerou apropriado reflectir sobre aquelas palavras bem-intencionadas. Foi-lhe depois mostrado o seu quarto, ficava lá em cima na torre com o telhado de cobre, era portanto um quarto de torre, de certo modo romântico e prazenteiro. De resto, parecia luminoso, arejado e amigável. A cama estava feita de lavado, sim, sim, não lhe seria difícil acostumar-se àquele quarto. Nada mal. E Joseph Marti, era este o seu nome completo, pousou no chão a mala que carregara para cima.

Mais tarde foi laconicamente iniciado nos segredos dos empreendimentos comerciais de Tobler e familiarizou-se no geral com os seus deveres. Sentia uma certa estranheza, só en-

tendia metade das coisas. O que é que se passa, pensava ele e ralhava a si próprio: «Serei um tratante, um fala-barato? Será que quero enganar Herr Tobler? Ele quer uma “cabeça”, e eu, eu hoje estou sem cabeça nenhuma. Talvez amanhã cedo ou já hoje à noite me sinta melhor.»

O almoço caiu-lhe excelentemente.

Uma e outra vez pensava preocupado: «O que é isto? Estou aqui sentado e refastelo-me como se calhar há meses não fazia e não percebo nada dos pormenores dos empreendimentos de Tobler? Não será um roubo? A comida é magnífica, lembra mesmo a minha casa. A minha mãe também fazia sopas assim. Os legumes são tão enxutos e suculentos, e a carne. Onde é que se arranjariam coisas assim na capital?»

«Coma, coma», insistia Tobler, «em minha casa, come-se a valer, entende? E depois também se trabalha a valer.»

Herr Tobler bem podia ver que ele estava a comer, respondeu Joseph com uma timidez que quase o deixou furioso. Pensou: «Será que daqui a uma semana ele ainda vai insistir comigo para eu comer? Que vergonha sentir que a comida de estranhos me sabe tão bem. Serei capaz de justificar este apetite desavergonhado com o meu trabalho?»

Serviu-se ainda mais uma vez de cada prato. Sim, ele vinha da sociedade humana mais recôndita, dos recantos sombrios, calados e mesquinhos da capital. Há meses que não comia bem.

Será que alguém notava, pensou ele, e corou.

Sim, alguma coisa os Tobler certamente notavam. A mulher observava-o quase com pena. As quatro crianças, duas meninas e dois rapazes, olhavam-no de lado como se vissem um animal selvagem e fabuloso. Sentia-se desencorajado por aqueles olhares curiosos e inquiridores que lhe eram dirigidos sem cerimónias. Olhares assim lembram a queda desamparada no território de estranhos, lembram o conforto destes estranhos que mostram o seu lar, e aquele que não tem lar partilha agora a mesma mesa e tenta sentir-se em casa no conforto daquele qua-